

A Academia Brasílica dos Esquecidos foi formada em março de 1724 por iniciativa do então vice-rei e governador-geral da Bahia, Vasco Fernandes César de Meneses, com o objetivo de fornecer informações sobre o Brasil, estimular as letras e esclarecer pontos obscuros da história da enorme possessão portuguesa. Embora de curta duração, pois paralisou suas atividades em fevereiro de 1725, a Academia deixou vasto legado intelectual. Deste legado, o presente trabalho se ocupa de três dissertações históricas escritas por Luís Siqueira da Gama, Caetano de Brito e Figueiredo e Gonçalo Soares da Franca, as quais versam, respectivamente, sobre a história política, natural e eclesiástica do Brasil. Estas dissertações visavam a discussão destes pontos obscuros da história da América portuguesa, dos quais muitos eram relacionados aos indígenas, por isso os acadêmicos – na falta de fontes manuscritas – constantemente faziam referência a suas tradições. O objetivo do presente trabalho é indagar a relação que se estabelece entre escrita e oralidade nessas dissertações. Busca-se mostrar que embora as fontes escritas fossem consideradas mais seguras, na ausência de um conceito específico de oralidade, havia uma relação ambivalente com relação às “fontes orais” – por si só problemáticas, pois colhidas entre autores que já as fixaram –, ambivalência ditada pela autoridade que as concepções políticas e teológicas concediam a estas fontes.